



Improvisação livre

*Um caminho para a expansão da escuta e da
técnica para o performer contemporâneo*

Rogério Costa

Introduzindo o assunto

- A música do século XXI requer uma preparação mais minuciosa para o performer. Do músico se espera que ele realize um número crescente de tarefas - que geralmente ultrapassam as técnicas instrumentais tradicionais - e muito frequentemente, é necessário que ele auxilie o compositor na resolução de problemas técnicos específicos de cada obra. Os desafios explícitos nas partituras ultra-detalhadas produzidas por alguns compositores contemporâneos referem-se a um repertório de recursos instrumentais, comumente referido como técnicas estendidas e que tem sido gradualmente incorporadas na prática musical contemporânea. A própria ideia de técnica estendida está fortemente relacionada à ampliação das possibilidades de produção de som. Referências musicais: Iannis Xenakis, Helmut Lachenmann (música concreta instrumental), Brian Ferneyhough (nova complexidade), Gerard Grisey (musique spectrale).
- Frank Bedrossian: *L'excess du son*
http://www.youtube.com/watch?v=m69XX_Nt3c
- Xenakis - Tetras



Improvisação livre – pressupostos políticos e estéticos

- Revalorização do papel do intérprete na música contemporânea visando um performer radicalmente criativo.
- Crítica à divisão hierárquica de trabalho estabelecida na música ocidental: compositor - intérprete - público.
- Crítica às formas tradicionais de educação musical que geralmente reproduzem modelos de música que não incentivam práticas criativas, e favorecem somente a reprodução do repertório.

Improvisação livre: o que significa?

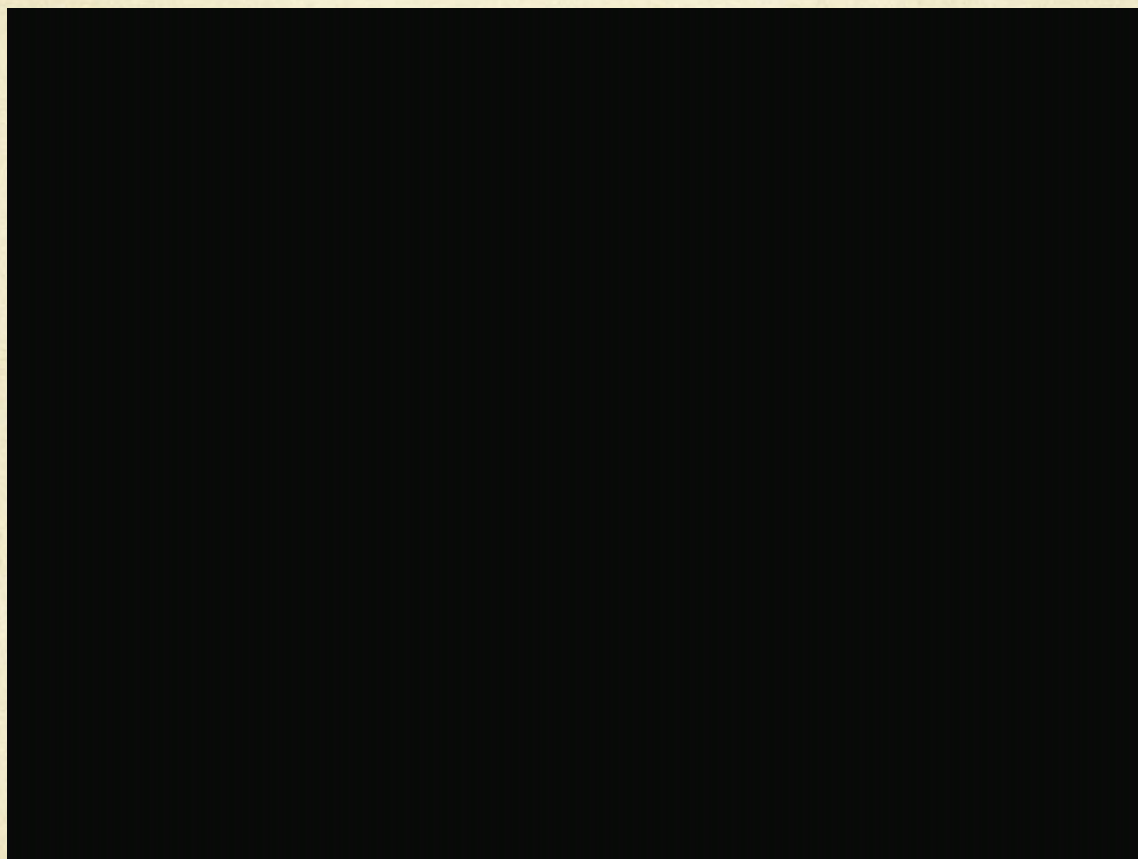
- Prática musical criativa, geralmente coletiva, democrática, não-hierárquica e com ênfase no processo.
- Pensamento musical em ação, geralmente sem se preocupar com a criação de *obras de arte*.
- A essência da improvisação é o próprio ato de criação artística: a busca do novo em cada momento e a intensificação do presente.
- Música experimental baseada em um “mergulho no sonoro”, livre de restrições idiomáticas.
- É uma construção coletiva e interativa e em tempo real, por isso pode ser pensada como uma espécie de jogo ou conversa.

Improvisação livre: o que é?

- DVD – Orquestra Errante:
<http://www.youtube.com/watch?v=P94rHJ48nI4>
proposal III (1'20" + 2').
- DVD – Clara Bastos + Alexandre Rosa (0' + 3').
- Audio – Orquestra Errante - *Luminosidade contínua*



Outro exemplo - *Musica ficta*



Livre e idiomática

- Improvisação idiomática : jogo regido por regras estabelecidas no contexto de sistemas complexos socialmente formados (como Blues, Jazz, Flamenco etc.),
- Improvisação livre: prática musical baseada no dinamismo molecular de som pré-musical em que os improvisadores interagem entre si e com a materialidade do som.
- Improvisação livre: pode ser pensada como fisicalidade pura, sem a mediação de qualquer gramaticalidade abstrata pré-estabelecida.

Livre e idiomática 2

- O elemento básico do método dos livre improvisadores pode ser encontrado em sua atitude em relação a tradições musicais, linguagens, gêneros etc. Idiomas não são vistos como pré-requisitos para o fazer musical, mas como ferramentas que, a qualquer momento podem ser usadas ou não...apenas como ponto de partida o improvisador livre se recusa a se submeter a qualquer linguagem particular ou tradicional (*Derek Bailey*).

Som como uma força primordial: a escuta reduzida

- Sabendo que cada músico é condicionado por sua própria biografia (que existe anteriormente na forma de sistemas e idiomas) é necessário desenvolver uma disciplina ou uma intenção de escuta.
- Para Schaeffer, a escuta reduzida é aquela que procura não atribuir qualquer tipo de "significado" aos sons. Todos os atributos devem estar no próprio som como se este fosse um objeto. Os sons então, podem se combinar de várias formas, apresentando novos timbres como resultado do uso de técnicas estendidas, introduzindo também novos conceitos de ritmo, forma e amplas possibilidades expressivas.
- O exercício da escuta reduzida faz com que a nossa audição se torne permeável ao que é imprevisível, desconhecido e ainda não estruturado.
- Em suma, a ideia do *objeto sonoro* propicia uma atitude que nos permite apreciar o som como ele é, divorciado de quaisquer sistemas de significado musicais e extramusicais fortemente consolidados.

Improvisação livre enquanto ferramenta para:

- Integrar a composição e a performance em uma perspectiva criativa;
- transformar o intérprete em um performer-criador
- favorecer o desenvolvimento de uma espécie de escuta profunda e "microscópica".

Estratégias para ampliar e organizar as habilidades instrumentais e de escuta

- Pierre Schaeffer: a escuta reduzida e o objeto sonoro
- Alain Savouret: *solfège de l'audible*
- Brian Ferneyhough: gesto, figura e textura
- Tom Hall – *Free improvisation: a practical guide*

Alain Savouret: *solfège de l'audible* 1

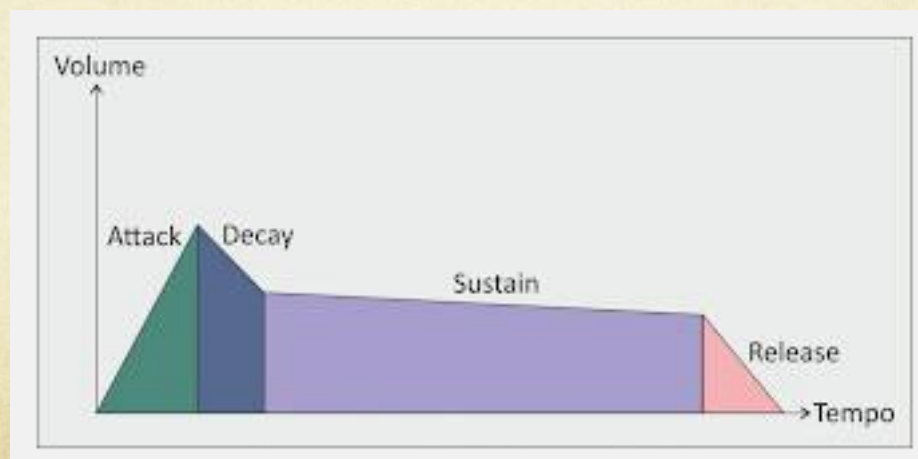
- Professor e compositor, Alain Savouret introduziu a disciplina, *Improvisação generativa* no CNSMDP. Sua abordagem, com base nas formulações do inventor da música concreta, Pierre Schaeffer, é baseada em três formas complementares e interligadas de escuta a partir das quais ele propõe exercícios para grupos de improvisadores.

Alain Savouret: solfège de l'audible 2

- A primeiro – microfônica - refere-se a ouvir um som atemporal e descontextualizado (nível morfêmico), e centrar-se em critérios básicos e nas qualidades do som: substância (massa simples ou tônica, híbrida, complexa ou ruído), densidade, grãos e aparência (grau de flutuação de altura, massa ou intensidade harmônica - como no vibrato).

Alain Savouret: solfège de l'audible 3

- No segundo tipo - mesofônico - já existe um contexto ou um foco temporal. O objetivo é *fotografar* o fluxo sonoro dinâmico. Em um âmbito temporal mais estreito, centra-se nas *formas - envelopes - temporais* e se baseia em noções de início (ataque), meio (suspensão, manutenção do corpo) e final (decadência). Ou em outras palavras (ou imagem ...):



Alain Savouret: solfège de l'audible 4

- Num contexto temporal mais longo, articula as formas-envelopes-temporais em conjuntos de: a) unidades homogêneas (acumulação - Ligeti), b) unidades heterogêneas (concatenação de “melodias” de objetos sonoros - Xenakis) e; c) unidades díspares (amostras aparentemente sem direção - Ferneyhough). Há ainda três critérios que se aplicam variação a este nível: por flotação, evolução e modulação.

Alain Savouret: solfège de l'audible 5

- In the third - *macrofonic* – we turn to a kind of listening specifically *musical*. From listening the relations and joints inside an unstable power afforded by the two preceding forms of listening, we pass to a kind of listening explicitly mediated by culture (forms, styles, genres, references, etc.). This is when it arises the idea of composition: *the combination of sounds becomes musical*.

Bibliography

- BAILEY, Derek, *Improvisation, its nature and practice in music*. Da Capo Press, London, 1993.
- COSTA, Rogério. *Free Improvisation and the philosophy of Gilles Deleuze* in Perspectives of New Music Vol. 49, n.1, New York, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *A Thousand Plateaus*. University of Minnesota Press, Minneapolis, 1987.
- SAVOURET, Alain. *Introduction à un Solfège de l'Audible: improvisation libre comme outil pratique*. Symétrie, Lyon, 2010.
- FERNEYHOUGH, Brian, *Form, figure, style - une évaluation intermédiaire* in Contrechamps n. 3, Paris: L'Age d'Homme, 1984.